

Bosque perdido

Se eu fosse nova, eu deixaria essa cidade que já não é nem um pouco convidativa. Outrora havia azul intenso, límpido, no céu. E os ramos das árvores, verdes colina s, nuvens alvas, encantos, por fim.

Pássaros livres, voando, pousando em seus ninhos, onde exibira tão majestosamente o belo canto que, há tempos, nomeara de viver. Flores desabrochando com o chamar da Mãe Natureza, alegres, perfumando o cenário que despertara não só em mim, mas em todos, uma vontade ; quase um ímpeto - de desfrutar da beleza tão bem exposta e, também, aproveitar a vida mil maravilhas. Não havia frio na noite, apenas castelos e sonhos.

Os dias reluzentes fazia-me despertar, prestes a sacudir, bailar sob a copa das árvores e, com essas, dançar. Então a vida era feita como um espetáculo, um imenso show que não havia data para terminar. Um ballet da natureza.

As cortinas fecharam.

Os anos passaram. Crescemos (eu e a cidade).

Na noite, não encontrava mais os castelos, enquanto no lugar dos sonhos, só via edifícioO céu magnífico azul, fora transformado... Virou cinza! Cinza-poluição. Os pássaros não suportaram, fugiram para um refúgio menos cimentado ; me preocupa se este não existir. ; O número de árvores, hoje são de carros. Ainda há o ballet. Agora orquestrado com as buzinas, celulares tocando, pés de gente correndo, tec-tec-tec-tec.

Essa cena de horrores só pode estar em mim. Fui eu quem perdeu a paleta com que coloria a vida!

Dado instante e a realidade indubitável, intransponível e inegável veio à tona.

Não fui eu quem perdeu a paleta, a paleta que perdeu o quadro. E nisso, nós perdemos bosque.

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/bosque-perdido>